

Para Werlang, dólar não deve ficar abaixo de R\$ 2

Economia-Brasil

Ex-diretor de Política Econômica do Banco Central acha a reforma tributária 'fundamental'

ADRIANA CHIARINI

RIO - Em sua primeira entrevista após deixar a diretoria de Política Econômica do Banco Central em setembro e passar por um recesso de seis meses, o qual ele mesmo se impôs, o economista Sérgio Werlang disse ontem que a taxa de câmbio pode estar mudando de patamar definitivamente, para mais de R\$ 2 por dólar. As razões, segundo ele, podem ser atribuídas a causas "mais fundamentais" - como a retomada do crescimento -, mas também à "estrutura tributária horrorosa".

Werlang defendeu a reforma tributária, afirmando, em tom de brincadeira, que o governo podia não ser "tão obstinado" em relação aos resultados fiscais, para que ela fosse feita.

'LADO FISCAL É O QUE TRANQÜILIZA'

Atualmente dando aulas de pós-graduação em Economia na Fundação Getúlio Vargas, Werlang atribuiu a alta de juros decidida pelo Banco Central ao sistema de metas e ao modelo de inflação que ele mesmo montou. Disse que o Brasil pode crescer 4,5% este ano, mesmo com a alta dos juros, e só não crescerá mais por causa dos efeitos da crise na Argentina.

Werlang acredita, no entanto, que o plano do ministro da Economia, Domingo Cavallo, tenha boa chance de dar certo e que vá equilibrar a situação econômica argentina. Ele também considera

muito pouco provável uma recessão prolongada nos Estados Unidos. Acompanhe a seguir os principais temas debatidos pelo ex-diretor do BC:

■ **Câmbio** - "Podemos estar observando uma mudança de patamar, relativamente definitiva, em que o câmbio saiu da faixa de R\$ 1,90 para a faixa de mais de R\$ 2, movido por fatores mais fundamentais. Com esse crescimento alto, o Brasil tem que exportar mais e, para exportar mais, com a estrutura tributária horrorosa que nós temos, que onera extraordinariamente as exportações, só tem um jeito: o câmbio tem que ficar e permanecer desvalorizado por mais tempo."

■ **Tributos** - "Os nossos produtos saem do País com uma desvantagem competitiva de 7% a 8% em relação aos similares internacionais

por conta da CPMF, do Pis/Pasep e da Cofins. Só aí, a taxa de câmbio já tem que ter desvalorização também de 7% a 8% e isso contando só esses três tributos, porque, se in-

cluir a dificuldade de compensação do IPI nesta conta, a desvantagem competitiva é maior ainda. E também há a necessidade de desvalorização, lógico. A reforma tributária é fundamental."

■ **Balança comercial** - "Muita gente diz que as exportações estão crescendo pouco, o que não é verdade.

As exportações estão crescendo 17% ao ano, há algum tempo, mas, com o País retomando o crescimento desse jeito, o impacto disso sobre as importações também é grande, então o Brasil tem que exportar ainda mais."

■ **Resultados fiscais** - "O



Para Sérgio Werlang, exportações estão aumentando 17% ao ano, mas setor pode ter melhorar

lado fiscal é o que dá tranquilidade ao País. O governo deve manter o que está fazendo na área fiscal e continuar obstinado nisso. (sério) O governo podia não ser tão obstinado e fazer realmente a reforma tributária (rindo e frisando o 'tão')."

■ **Juros** - "O Copom aumentou os juros porque o modelo de inflação deve ter mostrado inflação acima dos 4%, que são o centro da meta.

A alta de juros foi o comportamento esperado e requerido do Banco Central, uma vez que ele tem essa missão de alcançar a meta. Posso entender que as pes-

soas tenham interpretações diferentes porque esta é a primeira vez que o sistema de metas, relativamente novo no Brasil, exigiu uma alta de juros. Mas o Copom não deve ter nenhuma informação que o mercado não tenha, nem deve estar vendendo nada diferente. Também discordo da afirmação de que o BC trouxe a crise externa para dentro do Brasil."

■ **Crescimento** - "Alta de juros freia o ritmo de crescimento, sim, mas, em vez de crescermos 5%, cresceremos 4,5% este ano, o que é perfeitamente compatível com a meta de inflação de 4%.

Sem dúvida, é possível ainda crescer 4,5% em 2001. Se não fosse pela Argentina, poderíamos crescer até mais. E nos próximos anos o Brasil crescerá por aí, entre 5% e 6%."

■ **Argentina** - "O plano do ministro Domingo Cavallo é baseado em um aumento de impostos brutal, com uma CPMF, que é um imposto péssimo e já não deu certo lá, de 0,6%. A perda de competitividade pelo aumento

do imposto será compensada pelo fechamento da Argentina às importações, pela tarifa de 30% sobre bens de consumo. Este plano é ruim para o consumidor, mas vai gerar emprego e tem boa chance de dar certo. Mesmo sem apoio externo, é possível que funcione, mas apoio internacional é bom e provavelmente vai acontecer, porque qualquer país terá interesse em ajudar a Argentina, se as contas para o ajuste fiscal estiverem certas. Com o ajuste fiscal, a Argentina poderá continuar a manter a paridade do peso em relação ao dólar."

■ **Estados Unidos** - "Vai ter uma recessão lá? Não sei. Mas acho muito difícil que tenha uma recessão prolongada nos Estados Unidos. Não vai haver uma recessão brutal só porque o Nasdaq (índice que reúne cotações de várias empresas de alta tecnologia) caiu, as pessoas aqui estão olhando muito para o Nasdaq. Alguns bancos vão ter perdas, mas não será nenhuma crise generalizada. E as perdas virão principalmente por empréstimos a empresas de energia da Califórnia porque o modelo adotado lá de privatizar e impor preço máximo de energia ao consumidor não deu certo."

■ **Tecnologia** - "O que houve foi que as empresas de tecnologia caíram na realidade. Houve uma decisão da Justiça que quebrou as expectativas dessas empresas de que elas poderiam patentear e monopolizar processos, como a venda de filmes pela Internet."

'É POSSÍVEL AINDA CRESCER 4,5% EM 2001'